

---

## APRESENTAÇÃO



## 575 PALAVRAS DE OLHO NO QUE PODE SER MAIS DO QUE VERBAL

Este décimo primeiro número de *Contexto* dá continuidade ao projeto que se iniciou no anterior; ou seja, o de reunir, em três publicações seguidas da nossa revista, artigos organizados a partir das Linhas de Pesquisa do PPGL (Mestrado em Estudos Literários), na imediata ordem de edição: trabalhos ligados a (I) Poéticas da modernidade e da pós-modernidade, (II) Literatura e outros sistemas de significação e (III) Literatura e expressões da alteridade.

Para anunciar as questões pertinentes às páginas que virão, passemos, pois, a algumas afirmativas na aparência peremptórias.

Falar de língua não é apenas falar de língua.

Falar de literatura não é tão-só falar de literatura.

Falar de literatura e de poesia pode ser o mesmo que falar de duas coisas que, por vezes, entram em mútuos antagonismos.

Evidentemente, os três enunciados anteriores não pretendem apresentar-se como – diria um engenhoso “Poema-orelha” de Drummond – “flamante novidade”, visto que, em vários campos (entre outros, o da semiótica de Charles Sanders Peirce, o da reflexão de Mikhail Bakhtin e o da ensaística de Ezra Pound), tais enunciados integram-se em conquistas teóricas já efetuadas, ainda que passíveis desta ou daquela reformulação.

Por exemplo, na esteira de Peirce, Roman Jakobson ressaltou o quanto de indicial e de icônico (portanto, não arbitrário) pode existir no signo lingüístico (simbólico, vale dizer, arbitrário – de forma predominante, mas não exclusiva).

Eis, acima, algo que torna possível a ocorrência da intersemiose, o diálogo entre produções elaboradas com elementos de códigos divergentes, o que pressupõe a hipótese da existência de traços pansemióticos, compartilhados pelas diversas práticas da linguagem: algo, afinal, bastante explorado em períodos como o do barroco, para não mencionar os vários modernismos do século XX, nem a nossa época pós-moderna e digitalizante, multimidiática (para o bem e para o mal) por excelência.

Quanto ao “conflito” entre poesia e literatura, o mesmo se deve ao fato de que, por vezes, a primeira não se contenta em ser, unicamente,

parcela da segunda: um caso em que a parte não aceita manifestar-se como simples parcela do todo, isto é, a arte poética não poucas vezes se aproxima das outras artes, com maior ou menor ancoragem no campo verbal (a música, o terreno plástico, o domínio visual, determinado teatro, etc.). De novo, eis a ação da inter- ou da pansemiose, mas agora com ênfase no antagonismo entre o que nem sempre é tão-só discursividade na poesia e o caráter discursivo, atraído pelo pólo da prosa, de várias das modalidades literárias.

Claro que, lidando quer com a poesia assim compreendida, quer com a literatura vista na sua dimensão mais lata, de igual maneira temos de levar em consideração os entrelaçamentos de ambas com os saberes em que a problemática da linguagem é fundamental (como sucede no âmbito da filosofia e da psicanálise, para ficarmos apenas com dois, entre uma infinidade de “sistemas de significação”).

Os textos reunidos na seção Dossiê buscam dar conta, nos seus limites de argumentação e de análise, precisamente do que, acima, se apontou como um desbordar dos limites, um *front* de combate que desrespeita, desloca as fronteiras, obrigando-nos a pensar, também, de modo explícito ou não, no tópico destabilizador da alteridade. Enfeixados na seção Clipe, os demais trabalhos abraçam outros aspectos, prendem-se a diferentes pontos, de não menor importância, de pertinência garantida para o arejamento que a pluralidade de enfoque traz às questões.

Aos autores das duas espécies de artigos, todo o nosso agradecimento.